



Esta obra possui uma Licença

Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional

Submissão: 20/03/2025 | Aprovação: 20/06/2025



<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/18819>

<http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v19i32.18819>

Margens: Revista Interdisciplinar | e-ISSN:1982-5374 | v. 19 | n. 31 | Jan-Jun, 2025



CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DECOLONIAIS DO MUSEU SURUPIRA: UMA DISCUSSÃO TEÓRICA A PARTIR DAS PRÁTICAS DA 18ª PRIMAVERA DE MUSEUS EM BUJARU (PA)

DECOLONIAL CONCEPTIONS AND PRACTICES OF THE SURRUPIRA MUSEUM: A THEORETICAL DISCUSSION BASED ON THE PRACTICES OF THE 18TH SPRING OF MUSEUMS IN BUJARU (PA)

Gisele Nascimento Barroso

Universidade do Estado do Pará – UEPA (Brasil)¹

Cássio Alexandre Souza dos Santos

Universidade Federal do Pará – UFPA (Brasil)²

Diogo Jorge de Melo

Universidade Federal do Pará – UFPA (Brasil)³

João Colares da Mota Neto

Universidade do Estado do Pará – UEPA (Brasil)⁴

Resumo: Este artigo analisa a participação do Museu Virtual Surrupira de Encantarias Amazônicas na 18ª Primavera de Museus, realizada em Bujaru (PA), à luz da filosofia Ubuntu, da educação libertadora de Paulo Freire e da sociomuseologia. O objetivo é refletir sobre práticas educativas e museológicas decoloniais desenvolvidas por meio da roda de conversa sobre tambores ancestrais e do Círculo de Memória, promovidos no evento. Utilizou-se como método a análise crítica fundamentada nos referenciais de Enrique Dussel e Catherine Walsh, a partir da observação participante e do registro das ações. Os resultados indicam que as atividades proporcionaram espaços de escuta, valorização dos saberes ancestrais e construção coletiva de memória, fortalecendo a identidade local e o desejo por um museu comunitário. Conclui-se que ações como essa contribuem para uma epistemologia decolonial da educação museal, desafiando paradigmas eurocêntricos e promovendo justiça epistemológica e social.

Palavras-chave: Museologia Social; Educação Decolonial; Ubuntu; Paulo Freire; Tambores Ancestrais.

Abstract: *This article analyzes the participation of the Virtual Museum Surrupira of Amazonian Enchantments in the 18th Spring of Museums, held in Bujaru (PA), based on the Ubuntu philosophy, Paulo Freire's liberating education, and social museology. The objective is to reflect on decolonial educational and museological practices developed through a conversation circle about ancestral drums and a Circle of Memory promoted during the event. The methodology is based on critical analysis supported by Enrique Dussel and Catherine Walsh, through participant observation and event documentation. The results show that these activities created spaces for listening, valuing ancestral knowledge, and collective memory-building, strengthening local identity and the aspiration for a community museum. It is concluded that such actions contribute to a decolonial epistemology of museum education, challenging Eurocentric paradigms and promoting epistemological and social justice.*

Keywords: *Social Museology; Decolonial Education; Ubuntu; Paulo Freire; Ancestral Drums*

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação -PPGED da Universidade do Estado do Pará-UEPA. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Museologia, Memória e Mitopoéticas Amazônicas-UFPA.. e-mail: gisa.barroso@gmail.com.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios, Identidades e Educação – PPGCITE. Pesquisador do Grupo de Pesquisa Museologia, Memória e Mitopoéticas Amazônicas-UFPA. e-mail: kcosantos@gmail.com

³ Professor do Curso de Museologia da Faculdade de Artes Visuais, dos Programas de Pós-graduação em Cidades, Territórios, Identidades e Educação e Sociobiodiversidade e Educação da Universidade Federal do Pará. Doutor em Ensino e História de Ciências da Terra(UNICAMP) e em Museologia e Patrimônio (UNIRIO) e Museu de Astronomia e Ciências afins. e-mail: diogojmelo@gmail.com

⁴ Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Pará. e-mail: joacolares@uepa.br

INTRODUÇÃO

A emergência de novas abordagens museológicas, que buscam romper com as narrativas hegemônicas e eurocêntricas, tem impulsionado debates sobre a descolonização do saber e do fazer museal. No contexto da Amazônia paraense, essa discussão ganha contornos particulares com a experiência do Projeto de Extensão Museu Virtual Surrupira de Encantarias Amazônicas. Nos últimos anos, a atuação do Museu Surrupira tem promovido iniciativas alinhadas aos fundamentos da museologia social, em parceria com o Fórum de Museus da Amazônia, cujo objetivo é fortalecer o movimento museológico na região.

Este artigo tem como objetivo discutir as concepções e práticas decoloniais que fundamentam a proposta do Museu Surrupira, analisando-as a partir de sua participação na 18ª Primavera de Museus, realizada entre os dias 23 e 29 setembro de 2024 no município de Bujaru (PA)⁵. Nossas reflexões partem da compreensão de que o museu, enquanto espaço de memória e saber, pode atuar como um agente de transformação social e cultural, promovendo uma interculturalidade crítica que valoriza as epistemologias e vivências locais, desafiando as estruturas de poder historicamente estabelecidas e evidenciando a potencialidade das práticas culturais como ferramentas de resistência e (re)existência.

A perspectiva da interculturalidade crítica, conforme elaborada por Catherine Walsh (2007), transcende o mero reconhecimento da diversidade cultural, posicionando-se como um projeto político, social, ético e epistêmico que busca a transformação das estruturas de poder historicamente enraizadas. Walsh (2007) distingue essa abordagem da interculturalidade relacional, que se limita ao contato entre culturas, e da interculturalidade funcional, que, embora reconheça a diversidade, o faz para incluí-la em uma estrutura já existente, sem questionar as assimetrias e desigualdades fundamentais. Para a autora, a interculturalidade crítica emerge de um questionamento profundo das bases estrutural-colonial-raciais que hierarquizam saberes e existências, especialmente os de povos e grupos historicamente marginalizados, como os indígenas e afrodescendentes. Assim, ela não se concentra na diversidade em si, mas no problema da colonialidade do poder que a constrói e a inferioriza, propondo uma "implosão" dessas estruturas a partir da diferença.

A Primavera de Museus é um evento anual promovido pelo Instituto Brasileiro de Museus

⁵ Bujaru é um município localizado no nordeste paraense, na mesorregião Metropolitana de Belém, Pará. Possui relevância para o contexto do presente artigo por ter sediado, pela primeira vez em 2024, atividades da 18ª Primavera de Museus, promovendo discussões sobre a criação de um museu local e a valorização das manifestações culturais e identitárias da região.

(IBRAM), com o objetivo de incentivar a reflexão e a valorização do papel dos museus na sociedade. Realizada durante o início da primavera no Brasil, no mês de setembro, a ação reúne museus e iniciativas museais de todo o país em uma ampla programação cultural, ecoducativa e artística. Seu principal intuito é ampliar o diálogo entre as instituições museológicas e as comunidades, fomentando práticas inclusivas, acessíveis e participativas.

Embora seja uma iniciativa de grande relevância, a Primavera de Museus, promovida anualmente pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), detém o objetivo de incentivar a reflexão e a valorização do papel dos museus na sociedade, assim, não se configura, em sua concepção geral, como um evento explicitamente voltado para os pressupostos da museologia social. Seu principal intuito é ampliar o diálogo entre as instituições museológicas e as comunidades, fomentando práticas inclusivas, acessíveis e participativas por meio de uma ampla programação cultural, educativa e artística. Contudo, é justamente no contexto de sua 18ª edição, que a experiência em Bujaru se destaca. Ao analisar a iniciativa do Fórum de Museus em reunir diversas experimentações museais, entre elas o Museu Surrupira, sob a lente da interculturalidade crítica de Catherine Walsh (2007), percebe-se que a natureza abrangente da Primavera de Museus foi localmente ressignificada. Em Bujaru, o evento não apenas celebrou a diversidade, mas se configurou efetivamente dentro de uma perspectiva de museologia social, impulsionando ações decoloniais e participativas que desafiam as lógicas hegemônicas.

Cada edição da Primavera de Museus é orientada por um tema central que direciona as atividades propostas pelos museus participantes. Esses temas são selecionados com base em questões relevantes à sociedade, como sustentabilidade, diversidade cultural, acessibilidade e inclusão social. Por meio de exposições, oficinas, rodas de conversa, visitas mediadas, apresentações artísticas, dentre outras ações, o evento propõe buscar e envolver diferentes públicos e destacar a importância dos museus enquanto espaços de memória, educação e construção de identidades. Além disso, a Primavera de Museus desempenha um papel estratégico para as iniciativas museais que visam a promoção da museologia social, um campo que valoriza a conexão dos museus com seus territórios e comunidades. Segundo Tolentino (2016, p. 31) a museologia social,

É uma prática museológica que tem como pressupostos uma museologia que desloca seu foco do objeto para o homem, considerando-o como sujeito produtor de suas referências culturais, e engajada nos problemas sociais, de uma forma integral, das comunidades a que serve o museu. Para a museologia social, nas funções básicas de um museu, como preservar, pesquisar e comunicar, que devem ser executadas de forma participativa, os sujeitos sociais são a preocupação primeira, bem como os problemas sociais, econômicos, políticos e ambientais enfrentados pelas comunidades, com vistas à luta e à busca por seu desenvolvimento sociocultural. (Tolentino, 2016, p.31)

Ao incentivar a participação ativa das populações locais, o evento contribui para fortalecer a função dos museus como agentes de transformação social, promovendo a pluralidade de vozes e saberes. A iniciativa também serve como uma plataforma para destacar boas práticas no campo museológico, estimular parcerias institucionais e divulgar o patrimônio cultural e histórico brasileiro. Assim, a Primavera de Museus não apenas celebra a chegada de uma nova estação, mas também reafirma o compromisso das instituições com a sociedade, propondo uma realidade mais inclusiva e consciente de sua herança cultural.

Nesse contexto, com base na filosofia Ubuntu, oriunda das tradições africanas, e nos fundamentos da educação crítica de Paulo Freire, buscou-se refletir acerca dos caminhos teóricos e práticos para compreender o papel dos museus como espaços de educação intercultural, decolonial e emancipatória a partir do projeto de extensão Museu Surrupira de Encantarias Amazônicas.

Sob a perspectiva da interculturalidade crítica, o evento transcende a mera celebração cultural ao estimular o questionamento das hierarquias históricas e epistemológicas que sustentam exclusões e silenciamentos, valorizando saberes e práticas de grupos tradicionalmente marginalizados. Assim, a Primavera de Museus se configura como um espaço de educação transformadora, que visa a construção de diálogos interculturais capazes de ressignificar identidades, fortalecer laços comunitários e impulsionar uma sociedade mais equitativa e plural.

A filosofia Ubuntu, tem ênfase na interconexão humana e na coletividade, propõe que "eu sou porque nós somos", apontando para a construção de memórias compartilhadas e solidárias. De modo semelhante, Freire (2017) defende a educação como um processo dialógico, horizontal e transformador, que coloca os sujeitos como protagonistas de suas histórias. Essa confluência teórica se alinha com os objetivos da museologia social, que buscam ressignificar o fazer museológico sendo observado a partir uma perspectiva decolonial.

Este fazer museológico que dá ênfase ao ser humano, reconhece e valoriza os saberes de comunidades historicamente marginalizadas que emergiram de forma significativa durante a celebração da Primavera de Museus, ofereceu ao Estado do Pará, uma ampla programação envolvendo inúmeros museus em todo o território.

Partimos de uma experiência vivenciada no município de Bujaru, evento que foi desenvolvido a partir da parceria entre a Prefeitura, por meio da Secretaria de Cultura e Meio Ambiente, que buscou junto ao IBRAM e Fórum de Museus, os primeiros encaminhamentos para a criação de um museu para o município, que até então nunca o teve.

O Museu Virtual Surrupira de Encantarias Amazônicas, vinculado ao curso de

Museologia da Universidade Federal do Pará e coordenado pelo Prof. Dr. Diogo J. Melo, exemplifica essa abordagem inovadora. Criado em 2016, o projeto explora a riqueza das encantarias amazônicas — manifestações culturais e espirituais ligadas às religiosidades afrodiaspóricas e indígenas — como base para repensar as práticas museológicas e educativas. Por meio de oficinas, exposições e rodas de conversa, o museu tem fortalecido sua atuação como um espaço de construção coletiva, com o protagonismo de mestres e mestras de cultura, sacerdotes e sacerdotisas, explorando as potencialidades educativas de narrativas ancestrais.

Na 18ª Primavera de Museus, realizada no município de Bujaru, Pará, o Museu Surrupira buscou ampliar sua área de atuação por meio de atividades como a oficina de bonecas Abayomi e a roda de conversa sobre tambores, programadas para integrar este evento.

Esses momentos não apenas valorizam as práticas culturais e espirituais locais, mas também demonstram, na prática, como a filosofia Ubuntu e os ensinamentos freireanos podem ser aplicados para criar círculos de memória inclusivos, decoloniais e democráticos.

Figura 1. Abayomis confeccionadas na oficina.



Foto: Lúcia Santana – Museu Paraense Emílio Goeldi.

Figura 2. Tambor utilizado na roda de conversa.



Foto: Lúcia Santana – Museu Paraense Emilio Goeldi.

Essas vivências reforçam o papel dos museus na decolonização das memórias, promovendo uma educação museal que conecta ancestralidade, identidade e práticas emancipatórias em prol do fortalecimento de saberes locais e coletivos. O presente artigo reflete sobre essa experiência, destacando como a atuação do museu Surrupira em Bujaru se configura como um exemplo de museologia transformadora, ao integrar a filosofia Ubuntu, a educação e a sociomuseologia na construção de um espaço de memória comprometido com a interculturalidade crítica e a justiça social.

A FILOSOFIA UBUNTU E SUA RELAÇÃO COM O CÍRCULO DE MEMÓRIA EM BUJARU

A filosofia Ubuntu, de origem africana dos povos de língua banta, destaca-se como um modo de ser que valoriza a interdependência, a solidariedade e a coletividade. Como apontado por Ramose (1999, p. 01), Ubuntu significa que "uma pessoa é pessoa por meio de outras pessoas", rejeitando o individualismo e celebrando as relações como base para a construção da identidade e da vida social. Para este autor,

Ubuntu é a raiz da filosofia africana. A existência do africano no universo é inseparavelmente ancorada sobre ubuntu. Semelhantemente, a árvore de conhecimento africano deriva do ubuntu com o qual é conectado indivisivelmente. Ubuntu é, então, como uma fonte fluindo ontologia e epistemologia africana. Se estas últimas forem as bases da filosofia, então a filosofia africana pode ser estabelecida em e através do ubuntu. (Ramos, 1999, p. 1).

Essa perspectiva não se limita à esfera individual, mas permeia todas as dimensões da existência, promovendo práticas de partilha, cuidado mútuo e respeito pela diversidade.

No município de Bujaru, a aplicação prática da filosofia Ubuntu foi vivenciada durante a 18ª Primavera dos Museus, realizada entre 23 e 29 de setembro de 2024, com o tema "Museus, acessibilidade e inclusão". O evento ocorreu no complexo da Igreja de São Joaquim, espaço no qual foram desenvolvidas exposições de experiências museais de vários municípios do Estado, entre elas, destacamos o Projeto Musear das Ilhas do município de São João de Pirabas, que conta por meio de cordel a participação do povoado de São João dos Ramos, localizado na ilha de Araçateua no movimento da cabanagem, local onde, alguns cabanos se estabeleceram e o Ponto de Memória da Terra Firme, que é um projeto que busca valorizar a memória e a cultura das comunidades de áreas urbanas marginalizadas, centrando-se na criação de museus comunitários, além de recuperar as histórias dos residentes dessas localidades e promover a preservação da memória coletiva.

Em uma ação que evidenciou os valores da inclusão e da participação comunitária, o Museu Virtual Surrupira de Encantarias Amazônicas promoveu um círculo de memória que reuniu lideranças comunitárias, mestres e mestras de cultura, artistas locais, educadores e moradores. Esse círculo foi antecedido por uma roda de conversa sobre tambores ancestrais, destacando a importância desses instrumentos como símbolos culturais e espirituais, estes instrumentos musicais, são marcadores importantes da cultura amazônica, estando presentes não apenas em manifestações culturais e religiosas em nossa região, mas também em espaços educativos. A partir desta roda de conversa foi possível instigar memórias que serviram de pano de fundo para pensar um museu para a cidade de Bujaru, conforme a proposta advinda dos idealizadores do evento, no

caso a prefeitura da cidade.

Figura 3 – Círculo de memória.



Fonte: Foto: Lúcia Santana – Museu Paraense Emílio Goeldi.

Durante o Círculo De Memória, a prática de compartilhar experiências e perspectivas, refletiu o princípio de Ubuntu de que o "nós" precede o "eu". Os participantes discutiram a criação de um museu para o município, incorporando as contribuições da roda de conversa sobre os tambores como elementos centrais na construção de narrativas locais, ressaltando suas expectativas sobre o que comporia o acervo deste museu e o que ele representaria para a comunidade. O tambor, nesse contexto, tornou-se um símbolo do vínculo entre o passado e o presente, reforçando a ideia de que a memória e a identidade são construções coletivas que envolvem a comunidade em sua integralidade.

119

Figura 4. Pesquisa sobre o que a comunidade pensa e quer para o museu de Bujaru.



Fonte: Fotografia de Gisele Barroso – Museu Surrupira.

Ramose (1999) também destaca Ubuntu como uma ética de cuidado e responsabilidade compartilhada, e esse princípio esteve presente tanto na roda de conversa quanto no círculo de memória. O compromisso de preservar os saberes ancestrais e promover a cultura local foi

construído coletivamente, com cada participante assumindo um papel ativo na construção do futuro museológico do município. Assim, os tambores ancestrais, além de serem discutidos como instrumentos simbólicos, tornam-se metáforas vivas da ressonância comunitária e da força do diálogo.

A roda de conversa sobre tambores ancestrais e o círculo de memória, destacaram-se como ações pedagógicas que colocaram em evidência o protagonismo comunitário, o saber ancestral e a valorização das narrativas locais, desafiando o pensamento moderno eurocêntrico e promovendo o reconhecimento das vozes historicamente silenciadas.

EDUCAÇÃO LIBERTADORA E DESCOLONIZAÇÃO: REFLEXÕES A PARTIR DA AÇÃO DO MUSEU SURRUPIRA EM BUJARU

A participação do Museu Virtual Surrupira de Encantarias Amazônicas na 18ª Primavera dos Museus representou uma prática educativa que dialoga diretamente com os pressupostos da Educação Libertadora, Transformadora e Problematicadora de Paulo Freire (2019), bem como os princípios da descolonização a partir dos escritos de Enrique Dussel (2005). O saber ancestral e a valorização das narrativas locais, desafiando o pensamento eurocêntrico e promovendo o reconhecimento das vozes historicamente silenciadas.

Sob esta ótica, no diálogo sobre tambores ancestrais, os participantes foram instigados a ponderar sobre a ancestralidade e a função dos tambores como componentes simbólicos, culturais e espirituais. Em uma dinâmica de diálogo horizontal, incentivou-se a discussão de questões identitárias e culturais. A partir deste círculo de recordações, buscou-se identificar o que a comunidade gostaria de ver no museu de sua cidade, rompendo assim, com as lógicas impositivas ditadas pelas concepções de museus coloniais.

A roda de conversa sobre tambores ancestrais e o Círculo de Memória, promovidos pelo Museu Surrupira na 18ª Primavera de Museus, foram analisados sob a perspectiva do método analítico de Enrique Dussel e do método dialógico de Paulo Freire, ambos fundamentados na emancipação por meio do diálogo e da valorização das vozes subalternizadas. O método analítico de Dussel (2005) parte da escuta atenta ao "outro", reconhecendo a alteridade como ponto de partida para a construção de novas epistemologias e narrativas. Nesse sentido, a atividade resgatou e valorizou as memórias locais, especialmente dos tambores como símbolos de conexão ancestral e resistência cultural, ao criar um espaço em que as histórias, os saberes e as práticas comunitárias puderam ser reconhecidos como legítimos e essenciais na concepção de um museu comunitário

em Bujaru.

De modo convergente, o método dialógico de Freire enfatizou a criação de um diálogo horizontal, em que educadores e educandos compartilham experiências e constroem conjuntamente novos significados. A roda de conversa e o Círculo de Memória se alinham a essa proposta, ao possibilitar uma educação transformadora que emerge do cotidiano da comunidade e da valorização de sua cultura. Assim, ambas as abordagens contribuem para pensar o museu como uma prática intercultural crítica, decolonial capaz de articular memória, identidade e participação coletiva.

É possível aprofundar a análise do Círculo de Memória e das atividades realizadas pelo Museu Virtual Surrupira de Encantarias Amazônicas na 18ª Primavera dos Museus a partir das reflexões apresentadas por Oliveira (2020). A autora destaca que,

O ser e o viver estão presentes em Dussel e Freire como uma questão ética fundamental, que implica na compreensão do ser humano em sua integralidade como sujeito de conhecimento e histórico-social, pessoa humana e cidadão, cuja convivência social e educacional o possibilite ser mais, em sua dimensão ontológica e viver dignamente e de forma participativa e livre no contexto sociocultural. (Oliveira, 2020, p. 23)

Esse argumento ressoa com as práticas promovidas pelo Museu Surrupira, especialmente na roda de conversa sobre os tambores ancestrais e no subsequente Círculo de Memória. Essas atividades criaram um espaço onde os sujeitos puderam se reconhecer como protagonistas de suas histórias e culturas, partilhando saberes ancestrais e refletindo sobre a construção de um museu local que representasse suas vozes. Tal abordagem demonstrou uma ruptura com paradigmas eurocêntricos, que frequentemente ignoram ou subjugam os discursos do outro, promovendo uma visão universalista que desconsidera a diversidade cultural e epistemológica das populações não-ocidentais.

No contexto educacional e museológico, o foco na integralidade do ser humano proposto por Dussel e Freire, implica na valorização das narrativas locais, dos saberes tradicionais e das práticas sociais como elementos centrais na formação de um conhecimento verdadeiramente transformador. A ética de viver dignamente e de forma participativa foi incorporada nas discussões sobre os tambores ancestrais, que não apenas serviram como um instrumento de conexão com a ancestralidade, mas também como uma metáfora para a ressonância coletiva das vozes das comunidades no processo de criação de um museu.

Ao possibilitar que os participantes do evento em Bujaru expressassem suas histórias e expectativas para o museu local, o Museu Surrupira concretizou os princípios da educação libertadora, da filosofia Ubuntu e do giro decolonial. Nesse sentido, a ética do “ser mais”,

mencionada por Freire, conecta-se à descolonização do saber, defendida por Dussel, propondo que os processos educacionais e culturais devem ser construídos a partir da realidade vivida, respeitando e promovendo a dignidade dos sujeitos envolvidos.

Essa prática de museologia social, reafirma a centralidade do ser humano em sua pluralidade e reforça a necessidade de um rompimento com estruturas coloniais de poder e saber. Por meio do diálogo, da escuta ativa e do reconhecimento das histórias e epistemologias locais, o projeto possibilitou aos sujeitos participantes não apenas “viver dignamente”, mas também perceberem-se como agentes transformadores de suas realidades socioculturais.

CONTRIBUIÇÕES PARA UMA EPISTEMOLOGIA DE EDUCAÇÃO DECOLONIAL

Pode-se argumentar que a participação do Museu Virtual Surrupira de Encantarias Amazônicas nesta edição da Primavera dos Museus, trouxe contribuições significativas para o pensamento epistemológico de uma educação decolonial. Essa perspectiva busca romper com a hegemonia eurocêntrica, que historicamente excluiu ou silenciou as epistemologias indígenas, afrodescendentes e outras culturas periféricas, reafirmando o valor do saber produzido nos contextos locais e ancestrais.

No evento realizado em Bujaru, as atividades promovidas pelo Museu Surrupira, como a roda de conversa sobre os tambores ancestrais e o Círculo de Memória, configuraram-se como espaços epistemológicos marcados pela pluralidade, pelo diálogo e pela escuta ativa. Tais práticas, tornam-se centrais para uma educação decolonial, que, como destaca Dussel, deve priorizar o reconhecimento do outro enquanto sujeito de saber e existência. A inclusão das narrativas locais, das experiências e dos saberes de mestres de cultura, artistas e educadores reafirmou a valorização de epistemologias emergentes das práticas comunitárias e das tradições orais.

No pensamento freireano, a educação libertadora propõe uma pedagogia do diálogo, onde o saber não é imposto, mas construído coletivamente a partir das realidades vividas pelos educandos. A roda de conversa sobre os tambores ancestrais exemplificou essa pedagogia ao integrar elementos culturais específicos da região – os tambores como símbolos de resistência, ancestralidade e conexão espiritual – em uma prática de reflexão conjunta. Nesse contexto, o tambor não foi apenas um objeto ou tema de discussão, mas um vetor de memória e decolonização, desafiando as epistemologias dominantes que frequentemente relegam tais símbolos à condição de exotismo ou subalternidade.

A articulação entre os princípios de uma educação decolonial e as atividades do Museu Surrupira, se evidencia também na proposta de inclusão efetiva das vozes comunitárias no processo de criação de um museu local.

Esse gesto subverte a lógica colonial de centralização do poder nas instituições e promove a construção de saberes, que partem das experiências e expectativas dos próprios sujeitos locais. Nesse sentido, a prática museológica do Museu Surrupira, dialoga diretamente com a interculturalidade crítica, que, segundo Catherine Walsh (2007), demanda uma confrontação ativa das relações de poder e a promoção de novos horizontes epistêmicos baseados no reconhecimento das diferenças.

Ao ampliar as possibilidades de construção do conhecimento a partir das práticas culturais, o Museu Surrupira contribuiu para a criação de uma epistemologia decolonial que reconhece o papel fundamental da memória, da oralidade e da ancestralidade no processo educativo. Essa abordagem desafia os fundamentos cartesianos e positivistas que sustentaram a modernidade ocidental, promovendo, em seu lugar, uma pedagogia que valoriza a complexidade, a diversidade e a dignidade dos sujeitos históricos.

Assim, a participação do Museu Surrupira na 18ª Primavera dos Museus, reafirma a urgência de uma educação que não apenas inclua, mas que seja transformada pelos saberes e práticas do outro. Essa transformação, essencial para o projeto de uma educação decolonial, aponta para a construção de um futuro em que as epistemologias do sul global possam ser reconhecidas e legitimadas como centrais para os processos educativos e culturais.

123

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A potência transformadora de ações que articularam a filosofia Ubuntu, a sociomuseologia, a educação decolonial, os princípios de uma educação libertadora durante a 18ª Primavera de Museus em Bujarú e as práticas desenvolvidas pelo Museu Surrupira, evidencia que os museus podem ser espaços não apenas de preservação de objetos, mas, sobretudo, de articulação de saberes, vozes e narrativas que resistem à hegemonia eurocêntrica.

Assim, busca-se refletir sobre como as ações do Museu Surrupira contribuíram para desestabilizar epistemologias dominantes e fomentar práticas educativas baseadas no diálogo, na escuta ativa e no reconhecimento das diferenças. Inspirados pelos princípios da educação libertadora de Paulo Freire e pelas reflexões de Enrique Dussel sobre a descolonização, reconhece-se que o museu, quando operado a partir de uma perspectiva crítica, pode atuar como um agente

de transformação social, promovendo acessibilidade e inclusão de maneira profunda e significativa.

Entretanto, é necessário ressaltar que pensar epistemologicamente a educação museal sob os marcos da sociomuseologia e da educação decolonial é um exercício em constante transformação. Esses princípios não são estáticos, ao contrário, emergem e se reconfiguram a partir das vivências, dos contextos e das necessidades das comunidades envolvidas. Assim como os tambores ancestrais ressoam a memória e a resistência, o pensamento decolonial e a sociomuseologia ecoam demandas por justiça epistemológica, social e cultural, que se renovam continuamente.

Nesse sentido, argumenta-se que as ações promovidas pelo Museu Surrupira em Bujaru contribuíram com as reflexões acerca de como os museus podem operar como espaços vivos de diálogo intercultural, capazes de ressignificar práticas educativas e de valorizar saberes ancestrais. Contudo, essas iniciativas também desafiam os profissionais de museus e educadores a refletir criticamente sobre seus papéis, práticas e discursos, reconhecendo que a construção do conhecimento é um processo coletivo e dinâmico.

Ao reafirmar o compromisso com uma educação museal crítica, dialógica e transformadora, assim, depreende-se que o potencial emancipatório dos museus reside em sua capacidade de ser um espaço em que o passado, o presente e o futuro se encontram para gerar novos significados e possibilidades. Assim, a experiência vivenciada em Bujaru não apenas reafirma a relevância da educação museal no campo da decolonialidade, mas também nos lembra que o ato de educar, preservar e transformar é, antes de tudo, um compromisso com o ser humano em sua integralidade.

REFERÊNCIAS

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e Ciências Sociais*. Perspectivas latino-americanas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 24-31.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 71. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. Resistências decoloniais: o ser e o viver em Enrique Dussel e Paulo Freire. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). *Pedagogias decoloniais e interculturalidade: insurgências*. Rio de Janeiro: Apoená, 2020.

RAMOSE, Mogobe B. A filosofia do Ubuntu e Ubuntu como uma filosofia. In: RAMOSE, Mogobe B. *African Philosophy through Ubuntu*. Harare: Mond Books, 1999. p.49-66. Tradução para uso didático por Arnaldo Vasconcellos.

TOLENTINO, Átila Bezerra. Museologia social: apontamentos históricos e conceituais. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, v. 8, p. 21–41, 2016.

WALSH, Catherine. Introducción. (Re) pensamiento crítico y (de) colonialidad. In, *Seminário Internacional “Diversidad, Interculturalidad y Construcción de Ciudad*. Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional, 17-19 de abril de 2007.